



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

LIDIANE LIMA DE OLIVEIRA

**A CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM
GEOGRAFIA: A UTILIZAÇÃO DO KAHOOT COMO RECURSO PEDAGÓGICO
PARA A DINAMIZAÇÃO DAS AULAS**

**CAMPINA GRANDE
2022**

LIDIANE LIMA DE OLIVEIRA

**A CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM
GEOGRAFIA: A UTILIZAÇÃO DO KAHOOT COMO RECURSO PEDAGÓGICO
PARA A DINAMIZAÇÃO DAS AULAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Curso de Licenciatura
Plena em Geografia, da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial para à obtenção do título de
licenciada em Geografia.

Orientador: Prof. Dra. Joana D'arc Araújo Ferreira.

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48c Oliveira, Lidiane Lima de.
A construção do processo de ensino-aprendizagem em geografia [manuscrito] : a utilização do kahoot como recurso pedagógico para a dinamização das aulas / Lidiane Lima de Oliveira. - 2022.
33 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.
"Orientação : Profa. Dra. Joana D'Arc Araújo Ferreira , Coordenação do Curso de Geografia - CEDUC."
1. Ensino de geografia . 2. Aprendizagem . 3. Kahoot. I.
Título
21. ed. CDD 372.89

LIDIANE LIMA DE OLIVEIRA

A CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM
GEOGRAFIA: A UTILIZAÇÃO DO KAHOOT COMO RECURSO PEDAGÓGICO
PARA A DINAMIZAÇÃO DAS AULAS

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Curso de Licenciatura
Plena em Geografia, da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial para à obtenção do título de
licenciada em Geografia.

Aprovada em: 30/11/2022.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dr. Joana D'arc Araújo Ferreira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Me. Nathália Rocha Morais
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Me. Maria das Graças Ramos Ouriques
Instituto Federal da Paraíba (UEPB)

A minha família, a minha mãe Marluce e as minhas irmãs Liziane e Ana Luísa, e a memória do meu pai Alúcio pela dedicação, companheirismo e amizade, DEDICO.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE GEOGRAFIA NO BRASIL.....	7
2.1	A geografia na dimensão curricular.....	14
2.1.1	<i>A primeira escola.....</i>	16
3	CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO OBJETO DE ESTUDO....	18
3.1	Localização	18
3.2	Geohistorização da escola.....	19
4	METODOLOGIA	19
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES	21
5.1	Perfil dos participantes da turma 2º ano b	21
5.2	Perfil dos participantes da turma 2º ano c	22
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
	REFERÊNCIAS	27
	APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	32

A CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA: A UTILIZAÇÃO DO KAHOOT COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA A DINAMIZAÇÃO DAS AULAS

Lidiane Lima De Oliveira*

RESUMO

A presente trabalho foi desenvolvido a partir das circunstâncias presentes no contexto educacional a qual existem diversas lacunas e, desafios a serem enfrentados dentro deste processo de ensinar e de aprender. Assim, com uma diversidade de tecnologias as quais dar alternativas de fazer uso dessas ferramentas digitais, bem como os aplicativos móveis como forma de agregar no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, com a possibilidade de proporcionar o processo educativo mais dinâmico. Nesse contexto, o objetivo central desse trabalho foi analisar o aplicativo Kahoot, enquanto ferramenta educativa no processo de ensino-aprendizagem em Geografia, respaldando as suas contribuições, além, de potencializar a construção dos saberes e, assim, para obter melhores resultados no decorrer do processo. Desse modo, para unidade de análise optou-se em desenvolver a pesquisa com estudantes de duas turmas de 2º Ano do Ensino Médio de uma escola da Rede Pública do Município de Esperança-PB. Utilizou-se uma metodologia de pesquisa qualitativa e os procedimentos metodológicos para o aprofundamento desse estudo optou-se por uma pesquisa bibliográfica. Para análise de dados foi levado em evidência os relatos de experiências e, os resultados obtidos no decorrer do processo da pesquisa, onde foi verificado um maior dinamismo, despertando uma motivação e, um interesse entre os alunos, obtendo assim, resultados significativos.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Kahoot. Aprendizagem.

ABSTRACT

The present work was developed from the current circumstances in the educational context which there are several gaps and challenges to be faced in this process of teaching and learning. Thus, with a diversity of technologies which provide alternatives to make use of these digital tools, as well as mobile applications as a way of adding to the students' teaching-learning process, with the possibility of providing a more dynamic educational process. In this context, the main objective of this work was to analyze the Kahoot application, as an educational tool in the teaching-learning process in Geography, in addition to enhance the construction of knowledge and, thus, to obtain better results during the course of this process. It was decided to develop the research with students from two classes of the public's 2nd year high school in the city of Esperança-PB. A qualitative research methodology was used and the methodological procedures for the deepening of this study, a bibliographical research was chosen. For data analysis, experience reports and results obtained during the research process were highlighted, where greater dynamism was verified, awakening motivation and interest among students, thus obtaining significant results.

KEYWORDS: Geography teaching. Kahoot. Learning.

* Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: lidianelimaoliveira08@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa trata de uma proposta de análise acerca da plataforma *Kahoot* e suas potencialidades no âmbito educacional, especificamente, no ensino de Geografia na Escola. Com os avanços tecnológicos na sociedade, surgiram diversos recursos, como as plataformas educativas que proporcionam um desenvolvimento de atividades interativas e dinâmicas, promovendo desta forma uma interação entre alunos e professores, além de estimular os educandos a participarem ativamente das aulas, podendo acompanhar o desenvolvimento de cada aluno em tempo real em relação ao conteúdo trabalhado em aula e possibilitando uma aprendizagem mais eficaz e divertida.

O *kahoot* é uma ferramenta online construída por Johan Brand e lançada em 2013 pela Universidade Norueguesa de Tecnologia, a qual permite a possibilidade de criar atividades interativas. Nesse sentido, partindo do pressuposto das contribuições do aplicativo educacional em questão, o trabalho a seguir não se materializa em um estudo único, mas obteve como base diversos estudos e pesquisas realizadas dentro da comunidade acadêmica acerca da funcionalidade do aplicativo *Kahoot* no âmbito educacional.

Diante desse contexto, acredita-se que o propósito consiste em discutir de que forma os jogos da plataforma *Kahoot* podem contribuir no processo de ensino-aprendizagem em Geografia, a partir do uso dos seus recursos, proporcionando, assim, um dinamismo em sala de aula, a interação entre alunos e educadores, além de colaborar para uma construção dos conhecimentos geográficos de forma ativa, criativa e participativa, centralizando então o aluno como membro ativo no seu processo de aprendizagem.

Recentemente, as ações e atividades desenvolvidas em salas de aula com duas turmas de 2º Ano do Ensino Médio, configuraram-se de maneira presencial na Escola Estadual de Ensino Médio Monsenhor José da Silva Coutinho situada na cidade de Esperança-PB, devido ao antigo cenário na educação em decorrência da pandemia da Covid-19, esta que trouxe inúmeros impactos na educação escolar no Brasil e no mundo, principalmente, mudanças no processo de ensino-aprendizagem. Assim, foi preciso um novo planejamento pedagógico, visto que foi preciso repensar em novos meios para resgatar a motivação e melhorar o ensino dos alunos.

Neste cenário, surgem inúmeros desafios mediante uso de ferramentas digitais, pois o desafio é ainda maior na realidade dos alunos das escolas públicas. Isso pode ser difícil pela existência da desigualdade social, visto que há muitos obstáculos no que remete ao uso das tecnologias no ensino, como também no que se refere à utilização desses recursos no âmbito educacional, à medida que nem todos eles têm condições para obter algum recurso desse tipo. A plataforma *Kahoot* requer o uso de meios como *tablets* e *smartphones* com acesso à *internet*, tornando mais difícil para o educador inovar o ensino a partir do uso destas ferramentas, de modo que, os recursos digitais de cunho educacional deveriam ser notoriedade no processo de ensino-aprendizagem em prol do aprendizado mais significativo.

Partimos do pressuposto que, a partir do uso do aplicativo *kahoot* como recurso pedagógico no ensino de geografia, tem-se a possibilidade de obter melhorias no ensino aprendizagem dos alunos, promovendo assim, motivação entre os mesmos, além de favorecer um ambiente educativo mais dinamizado e atrativo, rompendo antigos reflexos históricos do ensino tradicional em geografia.

Por isso, apresenta-se como objetivo central desta pesquisa analisar o uso do aplicativo *Kahoot* enquanto ferramenta educativa no processo de ensino-aprendizagem no ensino de geografia, além de contribuir com a inovação do ensino desta disciplina, na perspectiva de reinventá-la, rompendo antigos paradigmas do ensino, uma vez que, tem o intuito de fortalecer um novo dimensionamento para a prática pedagógica em geografia, numa perspectiva de inclusão de recursos tecnológicos no decorrer desse processo.

A relevância desta pesquisa está em possibilitar um diálogo entre os aspectos teóricos-empíricos acerca da incessante busca de meios que revitalizem o processo de aprendizagem, em que proporcione aos alunos e professores novos recursos que possibilitem a inovação no ensino aprendizagem, ainda que seja um processo de desafios, pois há muitos obstáculos a serem enfrentados pelos mesmos. Sobretudo, acreditamos em colaborar em aspectos teóricos e metodológicos para fins de contribuir de maneira reflexiva a prática pedagógica acerca do uso de tecnologias no processo de ensino aprendizagem mais ativa e significativa.

Propôs-se a trabalhar por meio de uma pesquisa qualitativa, a qual busca entender as realidades dos membros envolvidos, além de vivenciar as dificuldades no âmbito de ensino. Pretende-se então utilizar uma pesquisa de cunho exploratório, por base uma revisão bibliográfica, além de uma pesquisa colaborativa.

Em relação a organização do trabalho, o mesmo inicia-se com uma introdução, e subsequentes tópicos que norteiam os discursões teóricas que são base para o aprofundamento da temática apresentada, além disso, temos também a metodologia e as considerações finais e, por fim os resultados e discursões. Os resultados alcançados apresentam a partir da inserção do aplicativo *Kahoot* como recurso pedagógico no ensino de geografia cujo o mesmo possibilitou um maior engajamento dos alunos, além de revelar um aumento no interesse e motivação dos mesmos nas aulas, tornando o ambiente educativo mais atrativo, assim, rompendo antigos paradigmas do ensino tradicional da geografia.

2 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE GEOGRAFIA NO BRASIL

A ciência geográfica, ao logo do seu percurso histórico e teórico da geografia enquanto ciência acadêmica, em específico a sua trajetória do ensino de Geografia no Brasil, não se distinguiu de outras áreas do conhecimento, pois se observam diversos traços marcantes que moldaram o ensino de geografia, de modo que a mesma evoluiu de acordo com os desdobramentos do meio social no decorrer desse processo e, que ainda se mantém entrelaçada as constantes transformações. De acordo com Araújo (2012, p. 38) “A Geografia brasileira é reflexo da sistematização da Geografia como ciência na Europa, porém, com características e peculiaridades inerentes a realidade brasileira. Nesse sentido, a Geografia também tem uma história [...]”. Mediante a isto, o percurso histórico do ensino de geografia no território brasileiro pode ser compreendido a partir da reflexão de diferentes momentos históricos e contextos que marcaram esse território.

Conforme Andrade (2008, p. 9) dialoga que:

Levando-se em conta os sessenta anos de estudos sistematizados da geografia no Brasil e refletindo-se sobre a contribuição desta ciência ao conhecimento do território, não se pode esquecer que, antes de sua institucionalização, essa contribuição já havia sido dada, de forma expressiva, deste o Brasil Colônia. Por isso, dividimos a trajetória da geografia brasileira em três períodos: colonial, o imperial e da Primeira República e o moderno_ este iniciado nos anos 30. (ANDRADE, 2008, p.9).

Em linhas gerais, “a história da educação e da escola no país, da Colônia ao Império e, por fim, à república, evidencia que o projeto de escolarização da população adquiriu diferentes contornos e significados ao longo da história, sendo resultado de políticas educacionais diversas [...]” Kujawa; Martins e Patias (2020, p. 188). Assim, a história da inserção da educação no território brasileiro teve início desde o seu descobrimento com as primeiras organizações à medida que a família real portuguesa começou a se instalar em terras brasileiras, foi-se ao mesmo tempo sendo imposta uma forte influência cultural, além de padrões, novos valores e, crenças sobre os povos indígenas.

De acordo com Andrade (2008, p. 9) enfatiza que:

No primeiro período, a contribuição foi dada pelas cronistas coloniais que aqui estiveram nos séculos XVI, XVII e XVIII e que, por razões as mais diversas, fizeram descrições da terra e da sua gente, influenciados, ao mesmo tempo, por imagens e comportamentos daqueles com quem conviviam e pelo imaginário europeu no mundo tropical. Dentre estes destacaram-se Pero Vaz de Caminha, com sua carta ao rei D. Manuel, descrevendo a terra onde aportara a esquadra de Cabral (século XV), e Antonil, com uma obra bem estruturada (século XVIII) em que divide o país de acordo com as atividades econômicas das várias áreas povoadas, indicando as suas principais riquezas [...].

Nessa conjuntura, “a partir de 1808, com a chegada da família real, a educação começou a tomar novo rumo, isso porque a Corte portuguesa, instalada no Brasil, precisava criar estrutura para dar suporte à nova administração da Colônia. Poucas foram as realizações nesse seguimento, mas importantes para aquele momento político [...]” França (2009, p. 117). Assim, desta forma a colonização portuguesa tinha o intuito de introduzir os seus moldes entre os nativos, para que houvesse a materialização de uma nova estrutura social a benefício da corte. Segundo Ribeiro (2015, p. 29) enfatiza que:

O surgimento de um sistema de ensino nas colônias ultramarinas portuguesas atendia aos interesses da metrópole, mas também proporcionava intensos debates e discordâncias entre os diversos setores envolvidos da administração colonial. Alguns temiam que a educação pudesse fornecer subsídios para revoltas, colocando-se em dúvida a capacidade dos indígenas (subalternizados pela sua condição de ‘nativos’, de acordo com as categorias coloniais portuguesas de classificação das populações) de fazerem bom uso daquilo que lhes era ensinado. (RIBEIRO, 2015, p.29).

Dentro desse contexto, a ocupação colonial portuguesa desenvolveu os primeiros delineamentos de uma educação com um caráter pedagógico formal no Brasil. Por essa razão que os europeus não tinham apenas projetos de interesses econômicos nas terras brasileiras. Sendo assim, “[...] os novos colonos precisavam de uma linguagem para que as relações sociais se dessem de maneira menos traumática. Dessa forma, os jesuítas fizeram o seu papel: introduziram a língua portuguesa como elemento imprescindível para que Portugal tivesse acesso às riquezas brasileiras [...]” França (2009, p.117). Posto isto, a Companhia de Jesus, possuía um caráter de ordem religioso, a qual delineou uma forma de organização com objetivos de um trabalho missionários para serem desempenhadas dentro da colônia. Assim, adentrando nessa nova realidade educacional no contexto Brasil-Colônia sob esse aspecto, “[...] a presença dos jesuítas no Brasil constituiu fator importante para a educação, já que a própria Coroa não dispunha de meios para educar as massas populares, a burguesia e a própria nobreza. Dessa forma, o ensino jesuítico cumpriu esse papel, contribuindo para a sistematização da educação na colônia.” Almeida (2014, p. 122). Os desdobramentos dos projetos coloniais e jesuítas trouxeram um novo significado para o período colonial para além da sua estrutura social e no seu contexto educacional.

Nascimento (2009, p. 10) destaque que:

[...] relação entre as características da cultura portuguesa e a ação dos jesuítas, ressaltando a importância que a família rural e patriarcal teve na formação e construção desta sociedade colonial. Do ponto de vista da Igreja, a Ordem teve um papel importante na construção e formação desta sociedade e que sem a ação dela seria impossível a formação e consolidação do território e da sociedade colonial destacando que a mobilidade que a ação missionária jesuítica empreendeu foi um dos grandes segredos de efetivação da conquista e consolidação da sociedade colonial [...].

Em virtude disso, as organizações jesuítas foram responsáveis por outras ações educacionais advindas posteriormente, bem como “os missionários da Companhia foram responsáveis pela

criação da primeira rede de ensino no país e pela construção de numerosas obras, visando à integração das culturas indígenas e das culturas européias.” Massimi (2001, p. 625). Sobretudo, os jesuítas utilizavam o ensino como um meio, ou seja, como uma ferramenta para alcançar um número maior de pessoas para disciplina-las dentro dos parâmetros educacionais impostos pela Companhia.

Segundo França (2009, p.119) expõe.

Em princípio, a educação objetivava atingir pequena parcela da sociedade colonial: os indígenas.

Entretanto, nesse período da história brasileira, a sociedade começava a se mesclar: índios, negros e europeus, dando início a nova estrutura social, mas sem deixar de lado o preconceito em relação a negros e índios, tendo esses tratamentos desumanos. A educação imposta pelos jesuítas visava, no primeiro momento, atender aos nativos, mas o rumo dos acontecimentos mudou essa estratégia: passou a formar professores missionários e letrados, que iriam fazer parte de uma elite capaz de contribuir com os desígnios da colônia. (FRANÇA, 2009, p. 119).

“O elemento mais importante da pedagogia [...] foi dar nova vida às instituições escolares [...] Nesse sentido, a Companhia criou inúmeros colégios [...] e na medida em que os colégios foram se expandindo, os jesuítas sentiram a necessidade de dar uma organização mais coerente e unitária aos programas de ensino [...]” Prado (2008, p.13). Nessa perspectiva, a consolidação dessas instituições trouxe ainda mais significância para a função educativa já estabelecida nesta época.

Dentro desta perspectiva histórica acerca da implantação da educação escolar no território brasileiro, podemos compreender que “[...] Os principais períodos históricos do território brasileiro ficam como expressão máxima do recorte, pois são responsáveis por transformações significativas na educação brasileira, que diferenciam um período de outro” Silva (2012, p. s/n). Assim, mediante a esse contexto leva-nos a discutir o que concerne a evolução da história do ensino de geografia em seu delineamento no território brasileiro, visto que “a história do pensamento geográfico no Brasil pode revelar importantes aspectos dessa singular formação social, criada na expansão colonial européia nas terras sul-americanas.” (MORAES, 2002, p. 158).

Segundo Rocha (1998, p. 10) “Percebemos [...] que ao longo da trajetória da geografia escolar brasileira, inúmeros mecanismos foram sendo utilizados para tentar tornar a "geografia oficial" em algo "natural", "único" e "verdadeiro". [...]”. Assim, a geografia foi sendo sistematizada por meio de alguns aspectos sociais, ideológicos e científicos que percorreram ao longo do seu percurso histórico e geográfico.

De acordo com Leite (2012, p.10) enfatiza que:

Os primórdios da Educação Brasileira não existiam uma Ciência Geográfica, nem tampouco uma Geografia Escolar, mas existiam saberes considerados geográficos, que permeavam alguns conteúdos e atividades. Do mesmo modo, não existia uma Geografia Científica, mas haviam conhecimentos geográficos sendo produzidos, em consonância com as necessidades de ocupação do território. Por um lado, os conhecimentos geográficos eram construídos cotidianamente, por meio das práticas relativas ao processo de sobrevivência, onde se inclui a aprendizagem de ofícios, por exemplo, e ainda não se constituíam em conteúdos formais. Eram, portanto, aplicados ao processo de ocupação física do território e constituíam um arcabouço de saberes relativos ao conhecimento do mundo natural. Por outro, consistiam em saberes organizados formalmente, notadamente no que se refere às descrições sobre os aspectos físicos da paisagem, em um território em franco processo de ocupação, onde era necessário identificar quais eram e onde estavam os recursos naturais passíveis de exploração econômica. (LEITE, 2012, p.10).

Assim, compreende-se que “Em cada momento da implantação da Educação no Brasil, houve a inserção da Geografia. Mesmo antes de sua instituição como ciência, essa temática era relevante, notadamente por estar relacionada ao fornecimento de informações estratégicas sobre o território, relacionadas aos seus potenciais de uso e ocupação [...]” Leite (2012, p. 10). A educação geográfica teve os seus primeiros indícios durante o período colonial, “Sua atuação, nesse contexto, produziu informações do que viria a ser considerado Geografia, anos mais tarde: representações cartográficas, por ocasião de suas incursões em um território desconhecido [...] Os mapas, porém, tinham fins estratégicos e não eram utilizados na prática educacional.” Leite (2012, p.11).

Conforme Silva (2012, s/n) expõe que:

Portanto, no período colonial não se teve um currículo para o ensino de Geografia: inexistiam necessidades históricas para isso. E não haver a disciplina Geografia não invalidava haver saberes geográficos em circulação no ensino formal, qual fosse ele. Eram saberes relacionados a Geografia Clássica, ou a Antiga, sendo desta selecionados para serem incorporados às diretrizes incidentes no aprendizado espacial inerente a outros aprendizados.

Por esta razão, o desenvolvimento dos primeiros estudos da geografia no Brasil dava-se início de forma indireta no decorrer do período do colonialismo europeu, visto que já havia estabelecido pelos jesuítas uma estrutura de ensino, uma vez que, os jesuítas foram os pioneiros da inserção de um sistema de educação escolar, e conseqüentemente os mesmos foram responsáveis pelas as primeiras concepções pedagógicas no Brasil.

Rocha (2000, p. 130) esclarece que:

Até o século XIX, os conhecimentos geográficos ensinados nos estabelecimentos educacionais existentes no Brasil não estavam organizados a ponto de constituírem uma disciplina escolar específica. No período colonial em que os jesuítas foram responsáveis quase exclusivamente pela educação formal ministrada pelo o país, o ensino dos conhecimentos geográficos era secundarizado no currículo previsto [...] (ROCHA, 2000, p.129).

Desta forma, as configurações do ensino de geografia no Brasil no decorrer desta época foram dadas através de uma instituição de ensino, visto que “O primeiro plano de estudos da Companhia de Jesus não concebeu no seu currículo escolar a geografia a condição de disciplina independente. Os ensinamentos relativos aos conhecimentos geográficos se davam em conexão com a aprendizagem da leitura, versão e comentários dos autores clássicos.” (PESSOA, 2007, p. 31-32).

Para o mesmo autor Pessoa (2007, p.31) retrata que “O papel destinado ao ensino de geografia nesse período era o de apenas oferecer uma cultura geral aos alunos. Ensinava-se através de um modelo de geografia pautado na descrição e enumeração de fatos ou coisas alheias a realidade vivida no nosso território”. Visto que, os primeiros discursos em que enquadraram os saberes geográficos decorreram nesse contexto verbalista, a qual era caracterizada principalmente a partir de uma didática que se objetiva a memorização de tais elementos e conceitos. “Esta prática era denominada pelos professores jesuítas de erudito. A fim de que os alunos melhores compreendessem o trecho de uma obra, objeto de estudo nas aulas de gramática, lançava-se mão, dentre outras coisas, de informações de caráter geográfico, bem ao estilo da geografia clássica, no que ela de mais descritiva [...]” (ROCHA, 2000, p. 130).

No entanto, esse delineamento das concepções pedagógicas da educação geográfica permaneceu. “Portanto, durante os mais de duzentos anos de monopólio da educação jesuítica no Brasil a geografia não teve vez e nem voz nas escolas enquanto disciplina escolar. [...] Não existiam, também, cursos de formação de professores(as) para atuar com o ensinamento destes saberes [...]” Pessoa (2007, p. 31). Prosseguindo desta forma, a ciência geográfica no Brasil

encontrava-se nesse período de tempo seguindo outra direção, a qual não possuía uma autonomia; em decorrência a isto sucedeu a falta de valorização dos seus fundamentos geográficos.

De acordo com Souza e Pezzato (2010, p.77):

Nesse período, as contribuições de ordem geográfica vinham dos trabalhos dos cronistas coloniais que produziam vários ensaios literários sobre temas diversos, e alguns tratavam de temas ligados à geografia, mas sem pretensões científicas. Outros eram cientistas que faziam expedições pelo país e traziam descrições sobre diversos aspectos dos lugares visitados. Até então, esses conhecimentos chegavam aos colégios apenas de forma esparsa como parte dos estudos de literatura.

Notoriamente, pode-se denotar que a visão que se tinha da geografia no que se refere aos saberes geográficos produzidos nesta época era vista de maneira desvalorizada e limitada, de modo que, a didática atrelada ao ensino de geografia era dada de forma descontextualizada e sem nenhuma atribuição, ou seja, sem objetivos estabelecidos com cunho significativa. Logo, era introduzida e sistematizada de forma implícita em outras áreas do conhecimento. “Os conhecimentos geográficos, embora de grande interesse do Estado, eram até então pouco propagados nas salas de aulas.” Pessoa (2007, p. 31). No entanto, o desenrolar das concepções pedagógicas geográficas difundidas nesse dado momento eram destinados de acordo com os arranjos e o público a ser alcançadas, uma vez que,

É válido lembrar que, já neste período, ficou estabelecida a distinção entre “geografia dos professores” e “geografia dos estados maiores”. O curioso é que eram os próprios jesuítas responsáveis pela produção de ambas vertentes da geografia, haja vista serem os controladores do sistema escolar vigente e os maiores responsáveis pela produção de conhecimentos geográficos acerca do território da Colônia portuguesa na América.

Souberam eles, melhor do que ninguém, diferenciar o que deveria ser destinado apenas aos detentores do poder de Estado e o que poderia ser socializado enquanto saber escolar. Iniciava-se, naquele momento, no Brasil, sem dúvida alguma, a produção da nossa geografia dos professores. (ROCHA, 2000, p.130).

Observando esse cenário, a educação geográfica foi sendo constituída com designações em que visava-se apenas na explanação de uma geografia com conhecimentos mais descritivos, dando prioridade na categorização dos aspectos das localidades sem pretensão de desenvolver o senso crítico dos envolvidos, tornando-se uma das características marcantes nesse momento da história da educação no Brasil. Desta forma, com a geografia submersa a esse modelo de ensino, não houve espaço para que ela tivesse um avanço em suas discussões.

Souza (2011) exalta que:

Porém, mesmo com grandes mudanças no que tange à organização e aos métodos de ensino, o conhecimento geográfico ainda era restrito a instituições públicas e a exploradores, chegando às escolas apenas imagens vagas do que seria o território brasileiro. Em decorrência da vinda de muitos “cientistas” europeus ao país, começou alguma mudança na produção de conhecimento geográfico no país. Mesmo que esparsos e sem objetivo metodológico científico, a maior parte desses trabalhos era realizada para satisfazer os interesses do Estado. (SOUZA, 2011, p.30).

Em meio a essa nova perspectiva, “O Surgimento da Imprensa Régia, em 1808, casa impressora para veicular os atos administrativos e normativos da Coroa Portuguesa, marcou o início de uma editoração em território brasileiro. Silva (2012, s/n). Nesse momento, ergueu-se outro personagem importante nesse percurso em que consiste o ensino geografia no Brasil, é um segundo Padre, Manuel Aires de Casal, que foi responsável pela primeira elaboração de uma obra, já que, “Por volta do século XIX, mais especificamente em 1817 foi editado pela Imprensa Régia², localizada no Rio de Janeiro, um dos primeiros compêndios que ao longo de

sua existência deteve um notável prestígio e uma forte influência sobre os professores de geografia, a *Chorographia Brasilica* [...]” Pessoa (2007, p. 32). Essa obra em questão passa a ter uma grande relevância para a época, principalmente entre os docentes de geografia, como também foi usado por muitos outros intelectuais como um modelo para a produção de outras obras direcionadas para o ensino de geografia. O mesmo autor argumenta que:

Durante mais de meio século a *Chorographia Brasilica* serviu como modelo de exemplo a ser seguido para a grande maioria de autores de livros de geografia, tornando essa de caráter venerável e profundamente respeitável. E, por essa razão os autores que se inspiraram na referida obra receberam por transmissão as graves deficiências conceituais e metodológicas, entre as quais podemos citar o uso excessivo de nomenclaturas, a descrição exagerada de fatos, a ausência de explicações e a inexistência completa de mapas. (PESSOA, 2007, p. 32).

Parte-se que “Nesse sentido, [...] a Geografia é profundamente importante para revelar certos aspectos da formação brasileira. Isso, sem dúvida nenhuma, se deve a um passado colonial, que coloca a relação sociedade-espaco no centro da estruturação da vida social e gera uma certa concepção geográfica de nação que persiste até hoje.” MORAES (2002, p.157- 158).

Ao analisarmos esse contexto, o discurso geográfico no Brasil “Mesmo antes da institucionalização da geografia nas academias brasileiras, é possível identificar nichos com profunda relação entre a geografia e a história nas primeiras instituições do Brasil imperial [...]” Novares e Lamego (2016, p. 249). Desta forma, o ensino de geografia numa dimensão escolar permaneceu “quase que inalterado em suas características principais, tendo sofrido poucas alterações no que diz respeito ao conteúdo ensinado ou mesmo na forma de ensinar [...]” Rocha (2000, p. 131). A partir desse entendimento, o ensino de geografia só teve reconhecimento por meio de circunstâncias ocorridas posteriormente.

Nesse ponto, Albuquerque (2011, p. 21) frisa que:

Assim, o primeiro momento inicia-se na década de 1830 e vai até a década de 1910, se configura como o período em que o saber geográfico se constitui como tal e a disciplina Geografia se institui, com propósitos e finalidades específicas e de acordo com o papel da escola na época. Além disso, foram elaborados currículos ou legislações que direta ou indiretamente serviam de referenciais para as escolas do país. Com relação à escola secundária, efetivamente, isto passa a acontecer após a criação do Colégio Pedro II, em 1837, e a obrigatoriedade de que as escolas (privadas e públicas) seguissem este Colégio como padrão, constituindo o seu currículo como modelo nacional para todas as disciplinas.

Em virtude disso, a sistematização do ensino de geografia ocorreu por meio da fundação desta instituição em questão, pois a educação geográfica passou a adquirir uma certa visibilidade numa perspectiva a qual tornou a geografia mais formalizada devido sua presença no currículo escolar.

No entanto, Oliveira (2011) discursa que:

É nesse contexto histórico que a disciplina de Geografia passa a ser considerada autônoma. No entanto, dada a influência do modelo curricular francês, prevaleciam no novo estabelecimento de ensino os estudos literários. Assim, Geografia não era a parte mais significativa daquele currículo, uma vez que sua oferta nas instituições e os números de alunos matriculados e que frequentavam não acompanhavam o grau de importância dessa disciplina escolar. (OLIVEIRA, 2011, p. 17).

Em um outro seguimento, a educação geográfica passa a ter um papel relevante nesse momento a medida que “Sua função era, basicamente, servir de suporte para a construção, junto aos alunos, da ideia de identidade nacional, reforçando a questão do nacionalismo patriótico,

função que, aliás, parecia estar presente também nos objetivos das diferentes sociedades geográficas criadas na América Latina” D. Oliveira (2007, p. 85). Desta maneira, essas concepções do ensino de geografia durante esse momento mantiveram-se ainda distante de um avanço, em que levasse o ensino de geografia para o desenvolvimento de uma produção intelectual e científica mais crítico. Segundo Pessoa (2007, p. 39)

Terminado o período Imperial, as alterações apresentadas pelo ensino de geografia foram pouco significativas, em sentido oposto, foram grande o número de oportunidades de tentar dar um novo aspecto a esta disciplina. Porém o que infelizmente constatamos é que desde a fundação do Colégio Pedro II, em 1837, até a decadência do Império, pouco mais de meio século, predominaram sobretudo os propósitos fundamentados em conhecimentos factuais, através de uma visão enciclopédica, a-científica, descritiva e de uso exclusivo da memória, manifestação direta do ensino firmado na nomenclatura geográfica, fato que iria se prolongar ainda pelos primeiros decênios do regime republicano.

Posteriormente, “Tais características, entretanto, começariam a sofrer importantes impactos, a partir do fim do século XIX. Começaram a manifestar aos poucos no Brasil novas proposições, delineadas conforme as alterações praticadas pelo ensino desta disciplina em outros países.” Pessoa (2007, p. 39). Esse novo direcionamento trouxe novos rumos para a geografia e seus desdobramentos em nosso país, uma vez que, “foi nesse período de transição da monarquia para a república que a visão da identidade pelo espaço parece adquirir certo relevo na representação simbólica do Brasil. [...] É um período de muitos ensaios que tematizam a tarefa das elites e observa-se claramente nesses escritos a visão do país como um espaço a se ganhar [...]” (ARAÚJO, 2012, p. 43).

Em suma, essa nova perspectiva trouxe inúmeras modificações para o contexto educacional, inclusive, para a geografia, uma vez que, para o mesmo autor Araújo (2012) “É uma época de acentuação, tanto do processo de produção material do espaço brasileiro. A construção da Geografia material do país ou a valorização objetiva de seu espaço, quanto a sua produção simbólica, de representações dos dois planos que animou a instalação, no País, da Geografia como um campo especializado e institucionalizado.” Para tanto esse momento configura-se de suma importância para a geografia enquanto ciência, uma vez que, “O período da institucionalização da Geografia no Brasil se revela altamente interessante. A armação de um aparato institucional dedicado ao ensino da Geografia surgiu na década de 1930, com a organização dos cursos universitários de Geografia no Rio de Janeiro e São Paulo. (PESSOA, 2007, p. 43).

Em concordância com Albuquerque (2011, p. 21):

[...] o período entre 1911 e a década de 1930. Neste período, assiste-se, pelo menos em parte da produção escolar, à incorporação de aportes teóricometodológicos e de temas difundidos pela recém-criada Geografia moderna no Brasil e pela pedagogia científica, resultando, inclusive, na institucionalização de uma Geografia acadêmica no país, pois os cursos superiores são criados com a finalidade de formar professores para a escola básica.

Em meios a essas particularidades, a qual se insere dentro do contexto dos saberes geográficos no Brasil, surge em outro momento, “[...] a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, [...] que consolidou a trajetória de produção de informações geográficas sobre o país, valorizando-as, e contribuiu para que os conhecimentos geográficos aparecessem, pela primeira vez, como Geografia Escolar, antes mesmo desta área do conhecimento ser sistematizada como ciência [...]. Leite (2012, p.12). Desta forma, durante todo o percurso da geografia e seus desdobramentos em diferentes contextos históricos, sociais no Brasil, começou a ganhar

centralidade em suas discussões tanto no meio educacional quanto na geografia enquanto ciência, visto que “Tal caráter de funcionalidade acompanhou a trajetória de evolução da Geografia, de saber à ciência, e foi se intensificando e assumindo novas funções, concomitante ao processo de produção do território brasileiro, ao longo dos anos subsequentes” Leite (2012, p.19).

De acordo com Pessoa (2007, p. 55):

Outro destaque meritório deve ser dado ao surgimento da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), em 1934. Essa organização terá um papel importantíssimo em todo o processo de desenvolvimento e divulgação das pesquisas científicas concernente à geografia brasileira e também contribuirá através dos seus periódicos para a difusão das novas concepções metodológicas referentes ao ensino de geografia. (PESSOA, 2007, p. 55).

Assim, as produções dos conhecimentos geográficos em nosso país obtiveram um papel importante em muitos contextos ao logo da construção histórica, social e política no Brasil, em vista que, no decorrer do avanço no discernimento dos saberes geográficos, seja, em nível escolar ou acadêmico, antes mesmo da institucionalização desta como ciência, foram perceptível tais contribuições, tendo em vista que por meio deste subsídio propuseram diversas transformações em nosso país, logo que essas configurações ocasionaram grandes implicações acerca da geografia escolar e científica.

2.1 A geografia na dimensão curricular

A geografia numa dimensão curricular, esteve durante muito tempo voltado a uma disciplina pautado em um ensino mecanizado, assim caracterizando-se em uma educação geográfica convertida em um ensino esvaziado de significados, não havendo um alinhamento dos saberes geográficos que visa contribuir para formação cidadã. Desta forma, adentrando dentro de uma perspectiva ligada ao ensino de geografia e, suas atribuições dentro da produção dos conhecimentos críticos e, da formação intelectual crítica e cidadã dos indivíduos como todo, essa educação geográfica possui uma grande relevância na estruturação, e na sistematização no aprimoramento desses saberes. De acordo com Roos (2013, p.177)

Nessa perspectiva, reiteramos a extrema importância da Geografia estar atuando no meio social – visto aqui na ótica da Geografia Escolar – e desenvolvendo o papel de agente transformador das condições sociais, na busca do entendimento da realidade e nas possíveis soluções de estar renovando e melhorando os valores significativos das questões da sociedade e, principalmente, contribuindo no melhoramento da problemática que se destacam nos muros do ensino, trazendo para esse campo outros meios articuladores na busca de superação dos problemas e aderir a uma prática educacional comprometida com os vínculos sociais. (ROOS, 2013, p. 177)

Entendemos que, a educação geográfica tem um papel significativo no ato de ensinar e no aprender, bem como “[...] é necessário abordar uma Geografia reflexiva, capaz de considerar o papel dos atores sociais no seu espaço cotidiano, a fim de que professores e alunos possam compreender a importância dos conteúdos geográficos na sua vida” Fernandes e Gebran (2010, p. 257). Pois o saber geográfico tem o poder de instrumentalizar os indivíduos a analisar, conhecer, refletir, agir, as quais instigam o desenvolvimento da criatividade e do senso crítico, tornando-se assim uma condição para um progresso individual e social, transfigurando indivíduos em sujeitos sócias. “Em linhas gerais, esse é o papel da geografia na escola. Refletir sobre as possibilidades que representa, no processo de alfabetização, o ensino de geografia,

passa a ser importante para quem quer pensar, entender e propor a geografia como um componente curricular significativo. [...]” Callai (2005, p.229).

Partindo dessa perspectiva, o ensino de geografia deve ser compreendido em sua totalidade como um meio que deve ser desenvolvido de maneira contínua e com didáticas significativas, mediante aos aspectos práticos inseridos no cotidiano escolar, visto que o fazer pedagógico é uma base essencial para a construção e qualificação do crescimento intelectual dos alunos, além de conscientizá-los criticamente. Sendo que “Na escola, a aula é a forma predominante de organização do processo de ensino. Na aula se criam, se desenvolvem e se transformam as condições necessárias para que os alunos assimilem conhecimentos, habilidades, atitudes e convicções e, assim, desenvolvem suas capacidades cognitivas.” (Libâneo 1990, p.177).

Segundo Castellar (2005, p. 220) esclarece que “Pensar pedagogicamente os saberes geográficos numa perspectiva metodológica e significativa para os alunos implica desenvolver ações que reestruturem os conteúdos, inovem os procedimentos e estabeleçam com clareza os objetivos. Desse modo, considera-se que a prática educativa da construção de conceitos, e procedimentos [...]” Assim, podemos afirmar que as relações pedagógicas em conjunto com as metodologias de ensino são indissociáveis para a formação educacional, pois ambos materializam-se em um grande viés, para conduzir aos alunos uma formação mais sólida e ativa dentro do meio social, conduzindo os mesmos para um aprofundamento dos conhecimentos, que os leva a ter uma consciência mais crítica, além dos estudantes serem preparados para as demandas em que a sociedade requer, exercendo então um papel ativo.

Para Libâneo (1990, p.17) argumenta que;

A prática educativa não é apenas uma exigência em sociedade, mas também o processo de prover os indivíduos dos conhecimentos e experiências culturais que os tornam aptos a atuar no meio social e a transformá-lo em função de necessidades econômicas, sociais e políticas da coletividade. (LIBÂNEO, 1990, p.17)

A partir dessa concepção, compreendemos que a prática educativa também é uma prática social, pois é um autêntico mediador no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que, “a prática educativa, portanto, é parte integrante da dinâmica das relações sociais, das formas da organização social” (Libâneo, 1990, p. 21). Tendo em vista que ambos estão articulados, desta maneira que essa ação educativa se apropria de uma dimensão social, possui uma funcionalidade de integrar o indivíduo em seu contexto social, favorecendo o mesmo a sociabilidade e formando sujeitos-alunos, capazes de buscar sua própria autonomia, instruindo a ideia de que os mesmos possuem, uma propriedade de atuação efetiva de transformar o seu meio social. Botelho (2013, p. 124) assim se expressa que:

O componente geografia escolar é por excelência chamada a contribuir na construção da identidade pessoal e social, na formação da cidadania e no desenvolvimento da autonomia intelectual e ao mesmo tempo proporcionar atitudes de respeito e solidariedade do educando, compondo um cidadão crítico, criativo, cooperativo e sensível aos problemas sociais que enfrenta na sociedade, devendo, portanto, assumir maior compromisso. (BOTELHO, 2013, p.124)

Nesse Sentido, Castellar (2005, p. 221) argumenta que “Por isso pensar uma Educação Geográfica significa [...] a adotar práticas de ensino que invistam nas habilidades: análises, interpretações e aplicações em situações práticas; [...] a partir da linguagem cartográfica; analisar os fenômenos em diferentes escalas; compreender a dimensão ambiental, política e socioeconômica dos territórios.” Pois é preciso promover aos educandos uma maior relação com o aprendizado, a qual possa ocorrer uma aprendizagem significativa, fazendo assim um aluno consciente do seu próprio processo de aprendizagem. Sendo assim, “[...] entendemos que a Geografia pode contribuir para a formação cidadã quando oferece condições de aprendizagens

por meio dos conceitos e categorias de pensamento [...]” Deon e Callai (2018, p.278) assim fazem necessário estabelecer uma conexão com os objetos de conhecimentos, bem como, livros, os conteúdos, conceitos, a origem dos processos, seja em caráter informativo ou comunicativo, ou materializando-se em novas formas de educar ou interagir, quais instigam o desenvolvimento da criatividade e o senso crítico.

De acordo com Castellar (2005, p. 214) enfatiza que;

A aprendizagem é vista como um processo de interação social que gera uma adaptação das estruturas mentais do sujeito, ou seja, é um processo de tomada de consciência, pelo educando, das propriedades dos objetos e das suas próprias ações ou conhecimentos aplicados aos objetos. Desse modo, a passagem de um nível de conhecimento a outro se realiza por meio da interação de fatores internos e externos, mais concretamente da experiência física e lógico-matemática, o meio e a interação social, as experiências afetivas e, sobretudo, a tendência à equilíbrio (equilíbrio-conflito-novo equilíbrio). (CASTELLAR, 2005, p.214)

Nessa conjuntura, o ensino de geografia tem a viabilidade de desenvolver aos indivíduos meios para que os mesmos tenham a consciência dos conhecimentos adquiridos e, sua real utilidade na vivência social, cultural e política, “A Geografia tem muito a contribuir na apreciação dessas relações, analisando, contextualizando e esclarecendo-as de modo que facilite a leitura e a percepção sócio-espacial” Alves e Cardoso (2010, p. 146). Assim, materializando a geografia enquanto ciência, um instrumento que oportuniza a fazer uma leitura geográfica crítica do mundo e, para além de compreender a sua dinamicidade e o comportamento coletivo e, principalmente fazer com que os indivíduos entendam qual é o seu lugar dentro da sociedade para que se torna sujeitos sociais críticos.

2.1.1 A primeira escola

A trajetória histórica da educação, em seu contexto geral, organizou-se ao longo do tempo através de diversas instituições escolares, que estas foram sendo organizadas e reorganizadas a favor das necessidades adotadas para uma determinada época. Sendo assim as escolas tendem a todo o momento introduzir uma perspectiva em que se enquadram um conjunto de objetivos a serem alcançados, seja através da comunicação ou na forma de transmitir os mais diferentes saberes. Desta forma, ao pensar no surgimento das instituições escolares em terras brasileiras compreendemos que seu delineamento surgiu mediante vários aspectos presentes em uma dimensão social na qual se encontrava a sociedade naquele momento. Moura Nascimento (2007, p. 182) pontua em suas discussões que:

As Instituições Escolares que foram criadas no Brasil acompanham o movimento e os interesses da sociedade, que são determinados pelo regime de produção. As Instituições vão sendo criadas, organizadas e (funcionando) porque são organizadas de acordo com os interesses essenciais para a sociedade burguesa, que age através das estruturas de apropriação (econômica) e de dominação (político) [...].

Nesse sentido, o marco inicial das escolas no Brasil encontrava-se submerso a um contexto histórico e social, tendo em vista que a história e a organização do sistema educacional do Brasil no período colonial, provida pela classe dominante portuguesa, sempre esteve vinculada aos interesses em manter a colonização no território brasileiro, sempre com o intuito de ampliar a cultura capitalista. “Assim, além de ser criada pelo homem, a instituição se apresenta como uma estrutura material que é constituída para atender a determinada necessidade humana, mas não qualquer necessidade. Trata-se de necessidade de caráter permanente. Por isso a instituição é criada para permanecer” (SAVIANI, 2005, p. 28). Nesse contexto, “[...] a ação missionária,

intenção inicial da educação jesuítica, perdeu força, abrindo espaço para a criação de colégios que atendiam as necessidades da elite emergente na colônia portuguesa [...]” Almeida (2014, p.122). Em virtude disso, as instituições escolares surgem nesse dado momento da história do Brasil por meio de necessidades ocorridas no núcleo social daquela época; por sua vez, “o trabalho dos jesuítas foi responsável pelo surgimento das primeiras instituições escolares no Brasil que eram controladas pela Igreja. Como estratégia de controle e ordem os índios passivos eram enviados para os colégios para receberem formação aprofundada pautada na *Ratio Studiorum* [...]” Burci (2007, p. 302). Logo, permaneceu durante muito tempo esse delineamento educacional presente na estrutura em que consistia a escolarização em nosso país. Referenciando Camargos (2018):

A educação neste período tem o papel de organização social e cultural que foi importado da metrópole Portugal. Neste período é característico a dominação europeia sobre os nativos. O ato de D. João III determina a vinda dos padres jesuítas Padre Manoel da Nobrega como superior e mais três companheiros em 1549. E fundam a primeira escola jesuíta no Brasil em 1553, o Colégio dos Meninos de Jesus de São Vicente, que no início era um orfanato. [...] O que chama a atenção que a finalidade da Cia de Jesus não era o ensino primário e sim o secundário. O que elevou o colégio foi elevado a secundário em 1556, de acordo com o plano pedagógico dos jesuítas e passa a se chamar “Colégio de Jesus. (CAMARGOS, 2018, p. 130-131).

Diante dos fatos ocorridos, verifica-se que neste alinhamento educacional, “gradativamente ampliou-se a importância dos seminários como instituições de ensino, passando estes a atenderem estudantes externos, [...] Em decorrência disso, multiplicou-se a quantidade de colégios [...] sintetizando a ação dos jesuítas, especialmente para a formação da elite da sociedade colonial.” Almeida (2014, p. 123). Em razão disso, as redes escolares construídas obtiveram nesse momento uma grande importância, pois tais instituições foram empreendidas como pilares essenciais para a construção histórica e social, para além dos aspectos culturais e educacionais em nosso país.

De acordo com o mesmo autor Almeida (2014)

Os jesuítas deixaram um legado de colégios organizados em rede, um método pedagógico e um currículo comum. Embora o processo de colonização tenha atuado como uma ferramenta de imposição cultural aos índios, como forma de exercer o domínio sobre eles, é por meio da Companhia de Jesus que a educação brasileira se desenvolveu, atendendo às necessidades da sociedade, dedicando-se a educar a elite e sendo também responsável pela integração da cultura europeia e indígena, disseminando-as pelos colégios e igrejas. O estabelecimento de uma estrutura organizacional e a sistematização do ensino foram relevantes para o processo educacional brasileiro. (ALMEIDA, 2014, p.124).

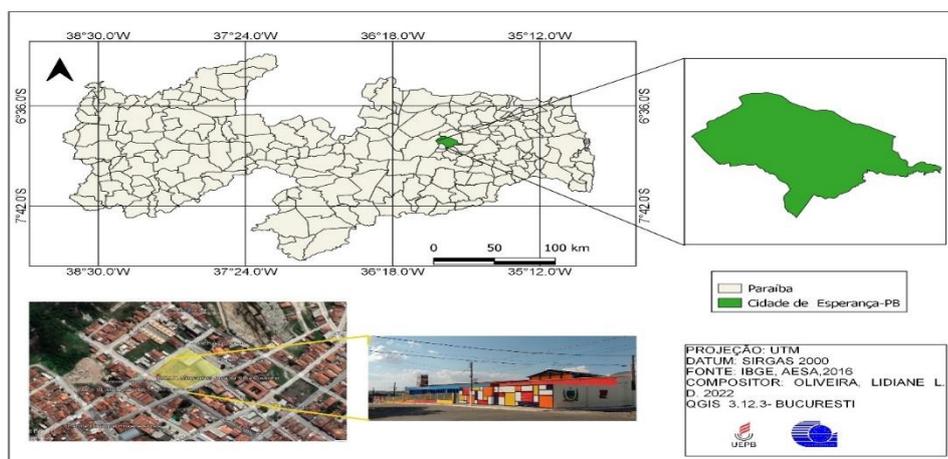
Em síntese, contextualiza-se que a instrução materializada pela campanha jesuíta obteve tamanha importância no seu desenvolvimento dentro das instituições de ensino já estabelecidas no Brasil-Colônia. Algumas destas fundações ganharam mais centralidade, uma vez que, “Seguidamente da instauração dos primeiros colégios e com o seu vasto crescimento, começaram a se pensar na fundação de outras instalações pelo Brasil. Assim houve a criação de três grandes colégios: um na Bahia, um no Rio de Janeiro e um em Pernambuco, além das Casas que também serviam de escolas.” Santos (2019, p.25). Desta forma, no decorrer desse processo de estruturação dos colégios e da efetuação do método educacional imposto pelos jesuítas, houve grandes mudanças para o contexto social, inclusive no seguimento educacional, logo que, alguns de seus seguimentos ainda permanecem presentes nos dias.

3 CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO OBJETO DE ESTUDO

3.1 Localização

Para a consolidação desta pesquisa obteve como centralidade, a escola da rede pública situada na zona urbana da cidade de Esperança- PB. O município faz parte da mesorregião do Agreste paraibano e da microrregião de Esperança, desta forma, a escola está localizada no centro da cidade na Rua Floriano Peixoto s/n, qual foi denominada como Escola Estadual de Ensino Médio Monsenhor José da Silva Coutinho. Na figura a seguir a ilustração do município onde se situa Escola Estadual (Figura 1).

Figura 01: Mapa da localização Geográfica do município de Esperança com a localização da E. E. E. Médio Monsenhor José da Silva Coutinho.



Fonte: Elaboração da autora (2022)

A Escola Estadual é um núcleo de educação que oferece o Ensino Médio nas series 1º, 2º, 3º ano as quais ocorrem em tempo integral, funcionando em período diurno e no turno da noite, a qual ocorre o ensino do EJA (Educação de Jovens e Adultos). Além disso, a escola contém outros projetos que são desenvolvidos dentro do ambiente escolar, entre eles são Eletivas, o pós médio, cursinho preparatório para o Enem em parceria com a UEPB, o estudo orientado, prática experimental, projeto de vida, para mais, a escola participar de outros importantes projetos bem como, o festival de Arte e Cultura na Escola- Arte em Cena, programa Celso Furtado, e também dos prêmios mestre da educação e escola de valor.

Em relação aos discentes que fazem uso desta instituição escolar, advém das zonas urbanas e rurais. Desta forma, o Colégio Estadual abarca em média 340 alunos que são subdivididos em 20 turmas que funcionam em diferentes turnos. A escola possui cerca de 22 professores, além de seguranças (porteiros) e merendeiras. Contém também outros 17 funcionários, os quais executam diferentes funções, seja em caráter administrativo, técnicos, seja em serviços gerais.

As instalações físicas da escola, são compostas por uma infraestrutura bastante considerável, assim, a referida escola dispõe de um estacionamento, secretaria, 15 salas de aula, a sala de diretoria, sala de Professores, sala de vídeo, sala de informática, auditório, cantina (cozinha), dispensa, biblioteca, quadra de exportes, banheiro feminino e banheiro masculino ambos com acessibilidade para alunos com deficiência, ou com mobilidade reduzida, almoxarifado, além

de outros recursos. Assim, a escola possui um excelente funcionamento sempre em busca de um ambiente escolar favorável para o desenvolvimento e realizações das atividades pedagógicas, objetivando sempre no aprimoramento e na qualidade no processo de ensino-aprendizagem fornecido para alunos, para que estes tenham uma excelente formação intelectual (Figura 2).

Figura 02: Ilustração da arquitetura física da E.E.E. Médio Monsenhor José da Silva Coutinho.



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

3.2 Geohistorização da escola

A Escola Estadual de Ensino Médio José da Silva Coutinho, ergue-se no período entre 1963 e 1964 dentro do contexto histórico social. Desta forma, o surgimento do Colégio Estadual ocorreu inicialmente devido a uma luta estudantil, pois devido ao aumento de números de alunos que necessitava fazer uso do espaço escolar surgiu então um sonho de realizar a construção de uma instituição de grande porte que suprisse as necessidades dos estudantes daquela localidade. Assim, por meio da união entre os alunos os mesmos criaram uma comissão que deu início a uma campanha com o objetivo de atrair colaboradores e apoiadores ao seu favor para conseguir realizar a construção da Escola Estadual de Esperança. Os alunos conseguiram muitos colaboradores dentre eles autoridades que exercia grandes influencias na cidade. Desta maneira os alunos fizeram muitas tentativas como a criação de boletins para coletar assinaturas de pessoas. Assim esse abaixo-assinado seria enviado ao governador Pedro Gondim para que efetuasse a construção do colégio.

Assim, a fundação da Escola Estadual ocorreu no dia 29 de outubro de 1968 pela lei Estadual nº 4.010. Posteriormente, a escola foi nomeada de “Monsenhor José da Silva Coutinho” em homenagem um Padre Zé Coutinho, Pai dos pobres, como era conhecido popularmente na cidade. Ele nasceu em 18 de novembro de 1897, era filho do senhor Júlio da Silva Coutinho e da senhora Eusébia de Carvalho Coutinho, e que ao longo da sua vivencia na cidade de Esperança trouxe muitas contribuições para povo, principalmente para o povoado carente.

4 METODOLOGIA

O presente estudo foi desenvolvido sob o caráter de uma pesquisa qualitativa, na qual procuraremos analisar as contribuições do aplicativo educacional Kahoot e seu uso nas aulas de geografia, com o intuito de proporcionar uma maior motivação e dinamismo no decorrer do processo de ensino-aprendizagem proporcionando uma educação geográfica mais interativa e criativa.

Zanella (2013, p. 99-100) conceitua pesquisa qualitativa:

[...] Preocupa-se em conhecer a realidade segundo a perspectiva dos sujeitos participantes da pesquisa, sem medir ou utilizar elementos estatísticos para análise dos dados. O método qualitativo de pesquisa não é empregado quando o pesquisador quer saber quantas pessoas têm preferência por um produto, portanto, não é projetado para coletar resultados quantificáveis.

Desta maneira, o aspecto da utilização deste meio de pesquisa trouxe a viabilidade de verificar possíveis resultados obtidos através da percepção da vivência da realidade do público alvo, com o intuito de compreender alguns seguimentos entorno da educação geográfica no âmbito escolar.

Nessa conjuntura, optou-se por obter como base uma pesquisa exploratória. De acordo com Gil (2008, p. 27) “As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. [...]”.

Em relação ao procedimento metodológico, trata-se inicialmente de uma pesquisa bibliográfica. Gil (2008, p.50) esclarece que:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo.

Partindo desta perspectiva, a pesquisa bibliográfica é de suma importância para o aprofundamento teórico da pesquisa em questão. Portanto, a aplicação de técnicas colaborativas, com os membros envolvidos na pesquisa possibilitara a análise das realidades no contexto atual da educação, além de almejar os resultados propostos. Posteriormente, os instrumentos a serem utilizados são questionários destinados aos alunos da educação básica da rede pública envolvidos na pesquisa.

A elaboração do questionário teve o intuito de identificar as percepções de ambos os grupos participantes do estudo em relação ao uso do aplicativo educacional o *kahoot* nas aulas de geografia, logo que, foram estruturadas questões abertas e de múltipla escolha. Foi aplicado o mesmo questionário para os dois grupos envolvidos na pesquisa, pretendendo-se desta forma obter informações e opiniões expressada pelos grupos participantes para coletar dados para análise.

Optou-se por fazer uso do questionário após as realizações das atividades com a utilização do *kahoot* em sala de aula. o *kahoot* foi utilizado de duas maneiras diferentes, visto que, inicialmente opôs a explanação introdutória do conteúdo com o objetivo de averiguar os conhecimentos prévios dos alunos e, para além de identificar diferentes níveis de dificuldades dos mesmos, foi realizado uma avaliação diagnostica através da utilização do *kahoot* onde foi elaborado sete questões voltadas a temática trabalha em contexto de aula, utilizando-se assim a modalidade quizz a qual este recurso traz a possibilidade de averiguar os feedbacks de forma instantânea dando assim a viabilidade de repensar a pratica pedagógica visando em aprimorar o ensino-aprendizagem.

No segundo momento do uso do aplicativo, no final da aula ocorreu de forma expositiva e dialogada onde também foi elaborado um questionário composto por oito questões também feito o uso do quizz, estas também norteadas pelo conteúdo a qual estava sendo exposto em aula, assim nesse segundo momento da atividade obteve com objetivo de aprimorar e a aprofundar os conhecimentos acerca da temática obcordada.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dados obtidos para análise desta pesquisa, obteve-se por meio de uma intervenção pedagógica, onde foi realizada com o propósito de efetuar as experimentações do uso da ferramenta digital o kahoot, um aplicativo que se caracteriza em uma plataforma de ensino-aprendizagem, direcionada para o aprimoramento e o desenvolvimento de habilidades e conteúdos educativos. Desta forma, os participantes deste estudo são estudantes de duas turmas distintas de 2º Ano do ensino médio do turno da manhã, integrantes da mesma instituição escolar.

O estudo foi conduzido em quatro aulas, sendo que as pesquisas foram desenvolvidas em dias diferentes (as aulas de geografia alternavam-se em dias e horários, ocorrendo dentro das formalidades que eram estabelecidos pela instituição escolar). Desta maneira, a pesquisa foi realizada inicialmente na turma 2º Ano B a qual era formada por dezesseis alunos, ocorrida no dia 14/11/2022; posteriormente a aula foi realizada no 2º Ano C composto por dezessete alunos, no dia 16/11/2022. O número baixo de alunos presentes em sala de aula em ambas as turmas se deve ao início dos jogos estudantis municipais, onde estava ocorrendo e alguns desses alunos faziam parte desses jogos. Em um primeiro momento, o aplicativo foi apresentado aos alunos, de maneira a entender um pouco do perfil destes e suas experiências com recursos tecnológicos e seu uso em sala de aula.

No que se refere a primeira turma do 2º Ano B foi observado, através dos seus relatos que alguns dos alunos já tiveram alguma experiência com uso desta ferramenta como também de outros meios em sala de aula. Em contrapartida a turma do 2º Ano C, ao ser apresentada a ferramenta kahoot e ao serem questionados a se já tinham feito o uso desses recursos em sala, os mesmos demonstraram por meio de suas falas que não tinham nenhum conhecimento do que seria esse aplicativo, e ficaram curiosos e apreensivos para conhecer mais sobre este recurso.

No segundo momento da pesquisa, houve uma explanação de como seriam desenvolvidas as atividades através da implementação do *kahoot* no decorrer das aulas, as quais seriam introduzidas dentro do conteúdo já estabelecido pela unidade, visto que, tais conteúdos foram sendo trabalhados por meio de jogos utilizando a modalidade *quiz*, pois a ferramenta proporciona esse recurso. É preciso ressaltar que o *kahoot* foi utilizado da mesma maneira em ambas as turmas, visto que, a sua utilização deu-se em dois momentos únicos, mas com objetivos diferentes, ou seja, na primeira instância o uso da plataforma educacional foi utilizada com o objetivo de averiguar os conhecimentos prévios dos participantes após uma introdução acerca do conteúdo, dando possibilidade de fazer uma avaliação diagnóstica. Assim, ao fim da explanação do conteúdo foi realizada uma atividade de fixação também através do uso do kahoot. Nesse sentido, a prática pedagógica configura-se de suma importância nesse processo de desenvolvimento e a elaboração de atividades as quais devem ser coerentes e condizentes.

Na terceira fase foi realizada uma análise através da observação dos participantes das duas turmas envolvidas no decorrer da realização do processo desta pesquisa, com o intuito de verificar suas percepções acerca da utilização desta ferramenta como prática pedagógica no contexto de sala de aula.

Na quarta etapa da pesquisa, foi utilizado um questionário (Anexo 1), o qual foi aplicado em ambas as turmas em dias distintos de forma individual, dando prioridade as discussões que foram transcritas pelos participantes do estudo, a qual materializou-se de forma livre e anônima para que os mesmos se sentissem livres para expor suas opiniões assim, foi dada relevância as falas de todos os participantes envolvidos nesse estudo.

5.1 Perfil dos participantes da turma 2º Ano b

O perfil do público alvo desta pesquisa, o grupo envolvido no estudo possui idades entre 15, 16 e 17 anos, as atividades foram realizadas em sala de aula pois todos os envolvidos detinham *smartphones* com acesso à internet, a qual era fornecido pela própria instituição escolar para

afins educativos. Desta forma, por meio de uma conversa com o professor regente o mesmo alegou que existia tais limitações em trabalhar com esta turma em específico, pois devido a turma ter mais resistência em se trabalhar com novos recursos pedagógicos. No entanto, foi notório em todo o processo que os alunos foram participativos e colaboraram para a realização desta atividade, sendo assim no decorrer deste processo a turma se mostrou empolgada em responder o jogo em modelo de quizz, logo que, a turma que antes estava em dispersa começou a trabalhar em conjunto com outros colegas de classe, na tentativa de responder as questões de forma correta para alcançar o pódio que o próprio jogo estabelece, em razão disto a atividades materializou-se de forma positiva.

Na figura 3, a seguir, pode ser visualizado o processo de desenvolvimento das atividades com o uso da plataforma educacional o *khaoot* em sala de aula, em específico na turma do 2º Ano B.

Figura 03: A ilustração das atividades realizadas com o *khaoot*



Fonte: Arquivo fotográfico pessoal 2022.

Uso deste recurso foi dada de maneira aprofundada e significativa, de tal modo que os alunos obtiveram a oportunidade de fazer um melhor aproveitamento do uso do *khaoot*, no sentido que os alunos puderam observar os seus níveis de conhecimentos e, além de verificar as dificuldades existentes em relação ao conteúdo administrado durante as realizações das atividades com a utilização desta ferramenta em sala de aula.

5.2 Perfil dos participantes da turma 2º Ano c

O perfil dos participantes envolvidos, é caracterizado por alunos com faixa etária de 16 e 17 anos, onde foram realizadas as atividades em sala de aula, pois os mesmos continuam *smartphones* conectados à Internet também disponibilizado pela instituição de ensino, mas alguns dos alunos apresentou dificuldades de permanecer conectados, porém foram estabilizando a conexão e conseguiram permanecer na atividade.

Posto isto, diferentemente da turma anterior segundo as observações do professor responsável pelas ambas as turmas. Nesta turma em questão (Figura 4), o mesmo alegou que os alunos são mais colaborativos e mais receptíveis a novas configurações de ensino, onde os envolvidos mostraram-se empolgados e curiosos seja a respeito do aplicativo quanto ao conteúdo trabalho.

Figura 04: Imagens das atividades desenvolvidas a partir do uso do *khaoot*



Fonte: Arquivo fotográfico pessoal 2022.

Em seguida, através da exposição do Gráfico 1 logo abaixo, podemos observar as percepções de ambas as turmas do 2ºAno B e 2ºAno, após o uso do aplicativo através de atividades em salas de aula.

Gráfico 1. Você acredita que a partir do uso kahoot como recurso pedagógico facilitou o seu entendimento sobre os conteúdos já abordados em sala de aula?



Fonte: Pesquisa de campo 2022.

Observando o gráfico, percebe-se que os alunos entenderam o intuito do aplicativo e seu objetivo, uma vez que, “Pela sua simplicidade, [...] - professor ou aluno - podem construir kahoots e aplicá-los de diversas formas em ambiente de sala de aula, proporcionando momentos de debate e de construção conjunta do conhecimento, em torno dos conteúdos abordados, independentemente do nível de ensino [...]” Correia e Santos (2017, p. 253-299). Sendo assim, este recurso adequa-se em diferentes contextos educacionais, à medida que tais dinâmicas contribuem para uma aprendizagem ativa.

Diante disto, é notório que a uma grande maioria dos participantes de ambas as turmas sentiram tais contribuições do *kahoot*, pois em suas falas observou-se um ponto em comum entre as turmas, que a partir do uso da ferramenta foi possível compreender melhor os conteúdos. Além disso, foi ressaltado que o *kahoot* traz a possibilidade de fixar os assuntos, dando ainda a viabilidade do *Kahoot* como ferramenta que proporciona um envolvimento entre

os alunos e professores através do jogo que, além dessa interação, possibilita trabalhar os conteúdos previamente desenvolvidos em sala de aula, além de ambos ressaltarem que aulas com contextos de práticas são mais interessantes, para outros três alunos mostraram indiferença a respeito do uso da ferramenta em sala de aula.

Além disso, também foi questionado aos participantes se a utilização do *kahoot* tornou o ensino de geografia mais dinâmico e interativo. Assim, de maneira unânime todos os discentes de ambas as turmas responderam que sim. Diante do exposto, é notório que a plataforma em questão tem a possibilidade de materializar-se como uma ferramenta educativa. Para Moran (2015, p. 22) exalta que “A combinação de aprendizagem por desafios, problemas reais e jogos [...] é muito importante para que os alunos aprendam fazendo, aprendam juntos e aprendam, [...] Os jogos e as aulas roteirizadas com a linguagem de jogos [...] são importantes caminhos de aprendizagem [...]”, desta maneira, propiciando inovação na prática pedagógica a partir da inserção de novos métodos de aquisição de conhecimento.

Gráfico 2. Durante o seu envolvimento com as atividades pedagógicas por meio do manuseio do aplicativo Kahoot você se sentiu motivado a estudar e a aprofundar os seus conhecimentos?

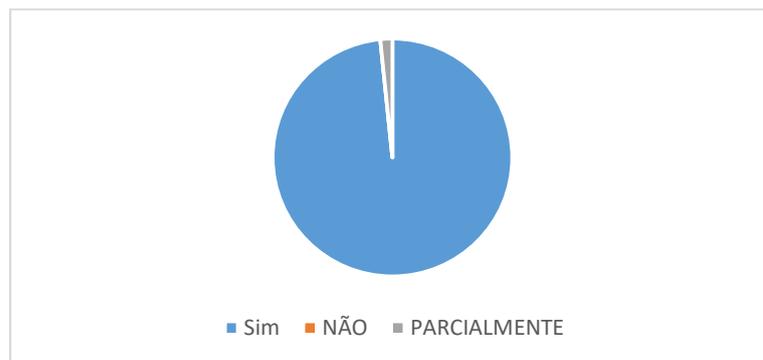


Fonte: Pesquisa de Campo 2022.

A partir do Gráfico 2, acima exposto, surge um outro ponto para análise em que foi levantada por meio de um questionamento. Nesse momento da pesquisa houve uma maior diferença nas respostas, pois ao analisar os grupos de forma individual podemos perceber que na turma B onde contem cerca de 16 alunos, entre estes apenas um respondeu que não pois alega não gostar da disciplina, para outros três em suas respostas disseram que parcialmente pois os mesmos justificam que a busca pelo o conhecimento dependem da área que lhe mais tem afinidade. Assim, os demais responderam que sim, o *kahoot* realmente estimula a buscar e se aprofundar nos conteúdos ou até mesmo os impulsionou-se a gostar mais da disciplina de geografia.

Em relação a segunda turma o 2º Ano C, podemos analisar as receptivas respostas dentro da totalidade de dezessete alunos participantes, entre estes cerca de dez alunos responderam que sim, mediante a isto, a uma concordância de que a ferramenta *kahoot* auxilia na motivação e no estímulo de buscar um maior aprofundamento dos conteúdos, visto que, para outros seis alunos mostraram em suas respostas um pouco diferentes, pois aqueles que colocaram a alternativa parcialmente em suas colocações consiste em ressaltar que a uma maior motivação de ir em busca do aprofundamento dos conteúdos quando é algum conteúdo de interesse apesar de que o recurso é bastante dinâmico (Gráfico 3).

Gráfico 3. A percepção dos alunos da turma 2º Ano C



Fonte: Pesquisa de Campo 2022.

Outro ponto importante a qual foi colocado em questão, foi o que refere-se a interação coletiva no decorrer da realização das atividades, mediante a isto, onde a grande maioria dos alunos envolvidos marcaram que sim, com o envolvimento de novas metodologias no processo educacional, propicia para que haja uma socialização dentro deste processo, uma vez que, o *khaoot* possui uma viabilidade a medida em que, a uma articulação entre os conteúdos trabalhados em sala e a interação dos alunos, visto que, “[...] Kahoot permite aos participantes interagir, assimilar e compreender melhor os conteúdos, potenciando aprendizagens mais significativas e contextualizadas, para além de, quando bem explorada por parte do professor que assume o papel de mediador, incrementar a socialização e o desenvolvimento das interações pessoal, social e cognitivas” DELICADO (2019, p. 27).

Também foi questionado aos mesmos, se gostariam que houvesse mais atividades com uso de aplicativos digitais em sala de aula, de maneira unânime ambas as turmas responderam que sim. Em virtude disto, é perceptível que os participantes sentem a falta de inovação no processo de ensino, logo que, com o aumento de atividades desse caráter conduz os alunos a articular e sistematizar os conhecimentos adquiridos, a partir de uma nova configuração de ensino por meio das relações de diálogos que designar uma comunicação coletiva. Bem como Paulo Freire (1996 s\n) argumenta que “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” Assim, por meio de uso de recursos tecnológicos, entre eles os aplicativos moveis pode promover uma melhoria na aprendizagem e configura-se em uma oportunidade de reinventar o processo de ensino-aprendizagem.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propõe a analisar as contribuições do aplicativo *kahoot* no processo de ensino-aprendizagem a partir da sua implementação nas atividades pedagógicas no contexto da sala de aula. E assim, por acreditar na relevância do aplicativo em questão e na sua potencialidade como recurso tecnológico no âmbito educacional.

Para obter um entendimento, pretendeu-se apresentar o *kahoot* como um recurso pedagógico importante que visasse auxiliar no processo de construção dos conhecimentos, configurando-se desta forma como uma ferramenta educativa, a qual foi exposta para os alunos de turmas distintas do 2º Ano do Ensino Médio integrantes da Escola Estadual de Ensino Médio José da Silva Coutinho, situada no Município de Esperança-PB.

Verificou-se que o *kahoot* é um meio de auxiliar no processo de construção dos conhecimentos, logo que, o uso dessas tecnologias traz reflexos positivos para a prática pedagógica, visto que, a partir da aplicação desta ferramenta digital no âmbito educacional, tornaram-se possíveis melhorias no processo de ensino aprendizagem, além de proporcionar um dinamismo no que pauta em ensinar e aprender, tornando a aprendizagem mais ativa e significativa.

Outro ponto importante verificado, foi que a aplicação do *kahoot* no contexto de sala de aula trouxe significativas contribuições para o processo de ensino dos educandos e, com a sua implementação nas aulas de Geografia, veio a colaborar na motivação dos alunos, na aquisição dos conhecimentos, auxiliando na assimilação dos conteúdos, além da possibilidade de averiguar em tempo real as dificuldades e os conhecimentos prévios destes, contribuindo assim, para a melhoria na concentração nas aulas e no aumento do raciocínio.

Por fim, por meio do desenvolvimento desta pesquisa, permitiu em um primeiro momento refletir acerca do papel das tecnologias digitais como recursos no contexto do processo educativo, uma vez que, possibilitará o educador (re)aprender ou (re)significar suas práticas pedagógicas, além de desenvolver habilidades e competências, sob uma perspectiva de renovar o processo de ensino-aprendizagem, tornando-o mais significativo a partir das inovações.

Sobretudo, a pesquisa em questão trouxe a possibilidade de dialogar com os aspectos teóricos e empíricos, já que os participantes deste estudo tiveram a oportunidade de expressar suas opiniões. Assim, possibilitou identificar os níveis de percepções dos membros da pesquisa, em relação ao uso da ferramenta digital na prática pedagógica e, para além, em repensar em um novo direcionamento sobre as práticas pedagógicas no ensino de Geografia, que viabilize na colaboração de um processo de construção de uma educação geográfica mais significativa e dinâmica.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. Dois momentos na história da Geografia escolar: a Geografia clássica e as contribuições de Delgado de Carvalho. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, 2011. Disponível em: <https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/29>. Acesso em: 16 set. 2022.

ALMEIDA, Wilson Ricardo Antoniassi de. A Educação Jesuítica no Brasil e o seu Legado Para a Educação Da Atualidade. **Revista Grifos**, n. 36/37- 2014. Disponível em: [ACFrOgB42ZtdKzCJsc607v_8gCTfz7EgtZKO4hO-JVvXSyghyOL4EraPtwbeT48r81k3qRicHA1tvHVtr1Wv767lvHzHSo3unOG2ByoOY3-fbAw4D-F5y49PW4Tr8xU=](https://www.googleusercontent.com/ACFrOgB42ZtdKzCJsc607v_8gCTfz7EgtZKO4hO-JVvXSyghyOL4EraPtwbeT48r81k3qRicHA1tvHVtr1Wv767lvHzHSo3unOG2ByoOY3-fbAw4D-F5y49PW4Tr8xU=) (googleusercontent.com). Acesso em: 19 set. 2022.

ALVES, M. S.; CARDOSO, E. S. O ensino de geografia e os estudantes-trabalhadores da Eja: trabalho e espaço em sala de aula. **Revista Pegada Eletrônica**, Presidente Prudente, v. 11, n. 1, p. 141-154, junho, 2010. Disponível em: (PDF) O ENSINO DE GEOGRAFIA E OS ESTUDANTES – TRABALHADORES DA EJA: TRABALHO E ESPAÇO EM SALA DE AULA (researchgate.net). Acesso em: 20 ago. 2022.

ANDRADE, Manoel Correia de. Trajetórias e compromissos da Geografia brasileira. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. (Org.). **Geografia na sala de aula**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 9-13. Disponível em: [ACFrOgBM6zMITexY40UUqm0IjF19oxmB88MqU91Kswsy6s2NIEaANFZwsJ5hFWcWfvrS-5sdsDuOsCzJuwbe3iJhtpgfzi74S0dZsaYW-dESLI6jZzRyeLLntyOBQPU=](https://www.googleusercontent.com/ACFrOgBM6zMITexY40UUqm0IjF19oxmB88MqU91Kswsy6s2NIEaANFZwsJ5hFWcWfvrS-5sdsDuOsCzJuwbe3iJhtpgfzi74S0dZsaYW-dESLI6jZzRyeLLntyOBQPU=) (googleusercontent.com). Acesso em: julho. 2022.

ARAÚJO, Raimundo Lenilde de. **Ensino de Geografia: perspectiva histórico-curricular no Brasil republicano**. 2012. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de PósGraduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/7603/1/2012-TESE-RLARAUJO.pdf>. Acesso em: 16 set. 2022.

BOTELHO, J. M. L. Prática social: uma estratégia para ensinar e aprender a Geografia escolar. **Geografia Ensino & Pesquisa**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 117–128, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/10776>. Acesso em: 15 jun. 2022.

BURGI, Taissa Vieira Lozano. **Educação Brasileira: Do Ensino Jesuítico as Aulas Régias**. Colloquium Humanarum, vol. 14, n. Especial, Jul–Dez, 2017, p. 301-307. ISSN: 1809-8207. Disponível em: [ACFrOgDrJkt3jXMFCjzgcKGzP6r-hMcYgSqwN4y9JVUQYQExwyk3kQ5Hv7rXd84dOIWLCQiR-QS3XX8zpM-WqX1pRS_DA23fa5VxwxQ7kvISCf86B3fbWkw6ozjLsTQ=](https://www.googleusercontent.com/ACFrOgDrJkt3jXMFCjzgcKGzP6r-hMcYgSqwN4y9JVUQYQExwyk3kQ5Hv7rXd84dOIWLCQiR-QS3XX8zpM-WqX1pRS_DA23fa5VxwxQ7kvISCf86B3fbWkw6ozjLsTQ=) (googleusercontent.com). Acesso em: 29 set. 2022.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Cadernos Cedex**, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. [Rev81_04DOSSIE](https://doi.org/10.1590/Rev81_04DOSSIE) (scielo.br). Acesso em: 16 jun 2022.

CASTTELAR, Sônia Maria Vanzelha. Educação geográfica: A psicogênica e o Conhecimento Escolar. **Cad Cedes**. Campinas, vol. 25, n. 66, p.209-225. Disponível em: Rev81_04DOSSIE (scielo.br). Acesso em: 17 jun 2022.

CARMAGOS, Ailton. Educação no Brasil: Da Colônia ao início da República. **Revista Brasileira de Educação e Cultura**. Centro de Ensino Superior de São Gotardo Número XVII Jan-jun 2018 Trabalho 07 129-139. Disponível em: 07) Educação no Brasil: Da Colônia ao Início da República | Revista Brasileira de Educação e Cultura | RBEC | ISSN 2237-3098 (cesg.edu.br). Acesso em: 21 set. 2022.

CORREIA, Marisa, SANTOS, Raquel. (2017) A aprendizagem baseada em jogos online: uma experiência de uso do Kahoot na formação de professores in Ponte, Cristiana, Doder, Juan Manoel, Silva, Maria. João. (2017) **Atas do XIX Simpósio Internacional de Informática Educativa e VIII Encontro do CIED – III Encontro Internacional**. (252-257) Lisboa: CIED – Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais. Disponível em: <https://repositorio.ipsantarem.pt/handle/10400.15/2433>. Acesso em: 22 nov 2022.

DELICADO, Graça Maria. M, **Contributo da app Kahoot na aprendizagem da física do 8º ANO Relatório de Atividade Profissional**. 2019. Mestrado em Ciências da Educação. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve. 2019.

DEON, Alana Rigo; CALLAI, Helena Copetti. A Educação Escolar e a Geografia como Possibilidades de Formação para a Cidadania. **Revista Contexto & Educação**, Editora Unijuí, Ano 33, nº 104, Jan./Abr. 2018, p. 264-290. Disponível em: <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2018.104.264-290>. Acesso em: 25 agos. 2022.

FERNANDES, Antônio Carlos; GEBRAN, Raimunda Abou. Geografia e prática social: configurações no espaço. **Acta Scientiarum. Education**, Maringá, v. 32, n. 2, p. 255-262, 20 dez. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v32i2.10126>. Acesso em: 18 jun 2022.

FRANÇA, Sebastião Fontineli. Uma visão geral sobre a educação brasileira. In: Faculdades Integradas da União Pioneira de Integração Social – UPIS. **Revista Múltipla, Brasília-DF. Ano XIV**–vol. 20- nº26, p. 117-138, 2009. Disponível em: [multipla26.pdf \(upis.br\)](#). Acesso em: 18 set. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários á prática educativa**. São Paulo. Paz e Terra, 25. ed.1996.

KUJAWA, Débora Rita; DE QUADROS MARTINS, Amilton Rodrigo; PATIAS, Naiana Dapieve. EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO E DA ESCOLA NO BRASIL. **Revista Sociais e Humanas**, v. 33, n. 3, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2317175837574>. Acesso em: 28 julho. 2022.

LEITE, Cristina Maria Costa. **O Lugar e a Construção da Identidade: os significados construídos por professores de Geografia do Ensino Fundamental**. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2012. Disponível em: [2012_CristinaMariaCostaLeite.pdf \(unb.br\)](#). Acesso em: 30 set 2022.

LIBANEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo, Cortez, 1990.

MASSIMI, Marina. A psicologia dos jesuítas: uma contribuição à história das idéias psicológicas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 14, n. 3, p. 625-633, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722001000300018>. Acesso em: 20 julho. 2022.

MORAES, A. C. R. de. História do pensamento geografico no Brasil: indicações. **Geografares**, Vitória, n. 3, 2002. DOI: 10.7147/GEO3.1124. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/1124>. Acesso em: 11 set. 2022.

MORÁN, José, Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, Carlos Alberto, MORALES, Ofelia Elisa Torres, (Org.) *Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens*. Vol. II, Ponta Grossa, PR: UEPG. 2015.

NASCIMENTO, Carpegiano Oliveira do. **Olhares sobre a Campanha de Jesus no Brasil: A Educação Jesuítica e seu Papel na Construção da Sociedade Brasileira nos Século XVI e XIX**. 2009. Monografia (Graduação em História) - Universidade Federal do Rio Norte Centro de Ciência Humanas, Letras e Artes, Natal, 2009. Disponível em: OLHARES SOBRE A COMPANHIA DE JESUS NO BRASIL - A EDUCAÇÃO JESUÍTICA E SEU PAPEL NA CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA NOS SÉCULOS XVI E XIX..pdf (ufrn.br). Acesso em: 01 out. 2022.

NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. Instituições Escolares No Brasil Colonial e Imperial. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.28, p.181–203, dez. 2007. Disponível em: *art12_28 (uepg.br). Acesso em: 10 set. 2022.

NOVAES, A. R.; LAMEGO, M. SOBRE A REPRESENTATIVIDADE DA HISTÓRIA DA GEOGRAFIA E GEOGRAFIA HISTÓRICA NOS ENCONTROS NACIONAIS DA ASSOCIAÇÃO DE PÓSGRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA (ENANPEGE). **Revista da ANPEGE**, [S. l.], v. 12, n. 18, p. 245–264, 2017. DOI: 10.5418/RA2016.1218.0013. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6403>. Acesso em: 12 set. 2022.

OLIVEIRA, Cezar Alvarez Campos de. **Geografia e ensino no Brasil e em Cuba: Um estudo Histórico- geográfico comparado**. 2007. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: *Geografia e ensino no Brasil e em Cuba: um estudo histórico-geográfico comparado* (usp.br). Acesso em: 10 set. 2022.

OLIVEIRA, Mizel Fernandes de. **A institucionalização da Geografia Escolar e sua espacialidade nos Oitocentos (1843-1889) na Província Capixaba**. 2011. (Dissertação de Mestrado). Vitoria, ES: Universidade Federal do Espírito Santos, 2011. Disponível em: ACFrOgAbbOHZTd4AgtziW3G1obb_C6ZLgAR3Bjmi8W7RvCnJRtILXMcaVzAiw9H_BB WypPYBZZeE0FEP8JMI_e1jquiium6Xk3k4a62HexNImtW65NZtKFuh4uKT9c= (googleusercontent.com). Acesso em: 21 set. 2022.

PESSOA, Rodrigo Bezerra. **Um olhar sobre a trajetória da geografia escolar no Brasil e a visão dos alunos de ensino médio sobre a geografia atual**. 2007. Dissertação de (Mestrado em Geografia), Universidade Federal da Paraíba, 2007. Disponível em: https://www.ufpb.br/ppgg/contents/documentos/dissertacoes/rodrigo_pessoa.pdf. Acesso em: 23 set. 2022.

PRADO, Jassiara Pereira Marques. **A Educação Jesuítica: Consolidação dos Colégios (1570-1759)**. Monografia (Graduação em pedagogia) Colegiado de Pedagogia da Faculdade de Educação-Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2008. Disponível em: Microsoft Word - Companhia de Jesus (ufba.br). Acesso em: 28 set. 2022.

RIBEIRO, Fábila Barbosa. Educação e ensino de História em contextos coloniais e pós-coloniais. **MNEME -Revista de Humanidades**, Caicó, v 16, n. 36, p. 27-53, jan./jul. 2015. Disponível: 2_dossie_fabia (googleusercontent.com). Acesso em: 27 set. 2022.

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da. Geografia No Currículo Escolar Brasileiro (1837-1942). **Revista de Educação, Cultura E Meio Ambiente** - Dez. N° 12, Vol II, 1998. Disponível em: Microsoft Word - 12genyltonodilonregodarocha_geografianocurriculoescolar.doc (googleusercontent.com). Acesso em: 16 set. 2022.

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da. Uma breve história da formação do (a) professor (a) de Geografia no Brasil. Terra Livre, São Paulo, n. 15, p. 129–144, 2000. Disponível em: Vista do Uma breve história da formação do(a) professor(a) de Geografia no Brasil (agb.org.br). Acesso em: 17 set. 2022.

ROOS, Djeovani. O Ensino e a Aprendizagem de Geografia em sala de aula a partir de uma visão crítica. **Revista Georaguaiá**, Barra do Garças-MT. v. 3, n. 2, p. 113-125, 2013. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/geo/article/view/4856>. Acesso em: 10 set. 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de Pesquisa Social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.
SANTOS, Letícia Souza dos. Os colégios jesuítas: tradição, expansão e configurações atuais. 2019. Disponível em: D TG LETICIA SOUZA DOS SANTOS.pdf (unitau.br). Acesso em: 11 set. 2022.

SAVIANI, D. INSTITUIÇÕES ESCOLARES: CONCEITO, HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E PRÁTICAS. Cadernos de História da Educação, [S. l.], v. 4, 2008. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/382>. Acesso em: 12 set. 2022.

SILVA, Jeane Medeiros. **A BIBLIOGRAFIA DIDÁTICA DE GEOGRAFIA: história e pensamento do ensino geográfico no Brasil (1814-1930...)**. 2012. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG, 2012. Disponível em: CONSIDERAÇÕES INICIAIS (ufu.br). Acesso em: 19 set. 2022.

SOUZA, Thiago Tavares de. **História da Geografia escolar: uma possibilidade de estudo da cultura escolar através da história oral temática híbrida**. 2011. 139 f. Dissertação - (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/95677>. Acesso em: 24 set. 2022.

SOUZA, Thiago Tavares; PEZZATO, João Pedro. A Geografia Escolar no Brasil de 1549 até a década de 1960. In: GODOY, Paulo R. Teixeira (Org.). **História do pensamento geográfico e epistemologia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 71-90. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/p5mw5/pdf/godoy-9788579831270.pdf>. Acesso em: 23 set. 2022.

ZENELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de Pesquisa**. 2.ed. Florianópolis: UFSC, 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de Pesquisa Social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008

APÊNDICE

APÊNDICE A



QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AO ALUNOS

- 1- Você acredita que a partir do uso *kahoot* como recurso pedagógico facilitou o seu entendimento sobre os conteúdos já abordados em sala de aula?

SIM () NÃO () Parcialmente ()

Justifique a sua resposta:

- 2- De acordo com as suas percepções a pós o uso *kahoot* contribuiu para que as aulas de geografia fossem mais dinâmicas e interativas?

SIM () NÃO () Parcialmente ()

- 3- Durante o seu envolvimento com as atividades pedagógicas por meio do manuseio do aplicativo *Kahoot* você se sentiu motivado a estudar e a aprofundar os seus conhecimentos?

SIM () NÃO () Parcialmente ()

Justifique o porquê

- 4- Conforme o seu discernimento no que refere-se a interação coletiva em sala de aula, diante deste contexto o aplicativo *kahoot* proporcionou um maior envolvimento entre os colegas?

SIM () NÃO () Parcialmente ()

5- Para você gostaria que houvesse mais uso de aplicativos moveis inseridas em atividades pedagógicas?

SIM () NÃO ()